

# Eu ameii você

## Eu ameii você

### Eu ameii você

Por quatro anos, o redator técnico e blogueiro de Vancouver **Derek K. Miller** lutou contra o câncer. Ao longo desse tempo, ele registrou os triunfos, derrotas e autodescobertas em seu blog, Pemachine.com. A linguagem de Miller às vezes é dura, mas seu texto é honesto, perspicaz e frequentemente engraçado. Esta é a história dele... Em suas próprias palavras.



Derek K. Miller  
no Waldorf Hotel  
de Vancouver,  
em 3 de março  
de 2011.

## Os sinais

21 DE DEZEMBRO DE 2006

No início de 2006, comecei a ir ao banheiro com mais frequência do que o normal e geralmente era um momento doloroso, desconfortável, com muitos gases. A princípio, pensei que pudesse ser alguma virose intestinal ou uma reação à comida, porque parecia diarreia. Essa situação se estendeu durante todo o verão. No outono, percebi sangue nas minhas fezes, às vezes de um vermelho forte. O médico da família disse que havia muitas explicações possíveis e inofensivas para o problema, mas recomendou que eu procurasse um gastroenterologista. Em novembro, meu médico conseguiu um parecer do Dr. Enns, um bom especialista local.

O Dr. Enns suspeitou de proctite (uma inflamação do ânus e do reto), mas durante uma sigmoidoscopia flexível acabou descobrindo um pólipó. No fim de janeiro, vou precisar fazer uma colonoscopia para removê-lo. Descobri que o crescimento desses pólipos não é nada incomum, mas ainda assim me ressinto. De algum modo – e sei que isso é irracional –, subconscientemente eu achava que, porque tenho diabetes, deveria estar imune a outros problemas não relacionados ao diabetes. Mas saúde e probabilidade não funcionam desse modo.

## Uma colonoscopia

7 DE JANEIRO DE 2007

Amanhã vou saber os resultados da biópsia que fiz recentemente. Meu

médico vai me dizer se o pólipó em meu intestino tem probabilidade de ser canceroso. Estou otimista, pois demograficamente meu risco deve ser baixo.

Todos com quem falei que já fizeram colonoscopia – e quando se levanta esse assunto é incrível o número de pessoas que já fizeram – dizem que a preparação no dia anterior, quando é preciso tomar um laxante para limpar seu trato intestinal, é a pior parte de tudo.

## Desculpe a linguagem chula

8 DE JANEIRO DE 2007

Esse costuma ser um blog muito bem educado, que pode ser acessado tranquilamente pelas crianças e por outras criaturas sensíveis. Mas hoje não.

M...

Grande m...

Tenho uma m... de um câncer.

Não é tão ruim quanto poderia ser. Meu médico diz que devo estar em um estágio muito inicial de câncer colorretal, ou, mais especificamente, um adenocarcinoma moderadamente diferenciado.

Em biologia, quanto mais diferenciadas as células, menos virulentas elas são, porque costumam ser células mais “reais”, que fazem o trabalho de verdade, e não como células “genéricas”, que não fazem nada além de crescer. Células não diferenciadas são mais primitivas, mais “genéricas”.

As células no meu pólipó não são completamente não diferenciadas, mas também não são normais. Estão crescendo e precisam ser removidas.

Do jeito como estão as coisas, parece que tenho câncer no Estágio 0. O procedimento seria, como eles dizem, curativo.

Saí do trabalho mais cedo hoje e Airdrie, minha mulher, e eu paramos em uma loja de bebidas para comprar um uísque Glenlivet, do qual tomei duas doses esta noite. Perfeito.

Tudo indica que vamos conseguir matar essa coisa e que ficarei bem.

Mas ainda assim, m... *Olá*, 2007.

## Dia Zero

31 DE JANEIRO DE 2007

As notícias não são exatamente ruins, mas também não são boas. Minha mulher e eu fomos ao gastroenterologista, que disse que há uma lesão cancerosa – os médicos não estão mais usando a palavra *pólipo* – no meu intestino, de três ou quatro centímetros de comprimento, que deve ser removida. A lesão não parece ter se espalhado, mas meus médicos só

## Quero fingir que estou bem.

Racionalmente, sei que os médicos serão capazes de remover o pólipo e que eu ficarei novo em folha. Mas penso nisso o tempo todo.

## Esquecido, distraído

16 DE JANEIRO DE 2007

Sabe, quero fingir que estou bem. Racionalmente, sei que os médicos serão capazes de remover o pólipo e que eu ficarei novo em folha. Mas penso nisso *o tempo todo*, o que acaba interferindo na minha vida normal, que é meio louca.

Faço as coisas mais importantes (levar e pegar as crianças na escola, comer), mas a última semana no trabalho foi absolutamente improdutiva.

Nunca entendia quando as pessoas diziam: “Era capaz de eu esquecer a cabeça se ela não estivesse presa no pescoço.” Agora entendo. Na verdade, gostaria de poder esquecer meu próprio cólon intestinal, mas ele permanece firme no lugar.

terão certeza disso quando a tiverem removido e puderem examinar o tecido e os nódulos linfáticos.

O próximo passo é marcar uma consulta com o cirurgião, o Dr. Brown, que vai me operar, retirar uma parte do meu cólon e costurar o que sobrar. Não é uma cirurgia de pequeno porte. Vou ficar internado no Hospital de St. Paul por pelo menos uma semana, e terei de me afastar do trabalho por cerca de dois meses. Ninguém sabe se vou precisar fazer químio ou radioterapia depois, ou alguma outra cirurgia. Esse é o plano – um pouco opressivo, mas de qualquer modo um plano.

*Portanto, estou chamando este de o Dia Zero do meu tratamento contra o câncer.*



Miller, quando esteve no Havaí com a família, menos de cinco meses antes de seu diagnóstico de câncer.

### Planejando o acidente

2 DE FEVEREIRO DE 2007

O mais estranho desse tempo de espera é que fisicamente me sinto quase normal. Se pensarmos nisso, “cirurgia” é apenas outro nome para *infligir sérias injúrias sob circunstâncias controladas*, para prevenir que coisas piores aconteçam mais tarde. Há uma dissonância mental a esse respeito. Racionalmente, sei que é necessário, mas uma parte emocional do meu cérebro está dizendo: “Você vai deixar eles fazerem O QUÊ?”

### Com medo

7 DE FEVEREIRO DE 2007

Estava zangado e acabei chorando na frente das minhas filhas, o que não

costumo fazer. Elas sabem que não há problema em chorar, e me disseram que posso chorar, mas não acho que deveriam ter visto o pai delas chorar porque tem câncer e está com medo.

Mas estou com medo. Com medo de morrer jovem. Estou com medo.

### Vamos reiniciar a contagem

5 DE MARÇO DE 2007

Estou começando a entender o que Mike Myers disse em uma entrevista: “Não se pode planejar tudo.” No fim, o nódulo que o cirurgião removeu do meu reto era canceroso, assim como ao menos um nódulo linfático. O Dr. Brown, o cirurgião principal, disse que achou o fato “chocante”, o que não é algo que se costuma ouvir um médico dizer com frequência. Portanto, agora meu câncer está no Estágio III, e não no Estágio 0.

O que isso significa? Que não vou fazer nenhuma cirurgia nesse momento. Em vez disso, nas próximas duas semanas, vou frequentar a BC Cancer Agency para começar sessões de radioterapia (e talvez de quimioterapia), para atacar e controlar o câncer. O tratamento durará cerca de cinco semanas. Depois disso, vou esperar oito semanas, enquanto a radiação faz efeito e, *então*, farei a cirurgia que removerá a maior parte do meu reto e (espero!) todo o câncer.

### Tanto e tão

20 DE MAIO DE 2007

Nunca  
dormi tanto  
fiz tanto cocô

perdi tanto peso  
tomei tantos comprimidos  
tive tantos gases intestinais  
tomei tantos banhos  
me senti tão desconectado da vida  
fiquei tão enfiado em casa  
assisti tanto ao Discovery Channel  
senti tanta falta de ficar mais perto da  
minha mulher, mesmo estando os dois  
juntos na mesma casa.

## Não sou corajoso

27 DE MAIO DE 2007

Quando as pessoas descobrem que tenho câncer e que fiz químico e radioterapia e que vou fazer uma cirurgia, costumam dizer: “Você é tão corajoso!” Isso é uma grande bobagem. Não sou corajoso. Tenho uma doença e, junto com os médicos e com minha família, estou lutando para me curar. Tenho esperança de livrar meu corpo da doença. E escrevo sobre isso no blog porque escrevo compulsivamente no blog sobre tudo. Mas o tratamento é doloroso e exaustivo. E o pior dele é que acabei me transformando em uma versão distante, retraída, irritada de mim mesmo. Esqueço tudo, desde o Dia das Mães até a roupa lavada por dobrar. O modo como enfrento cada dia vem não da coragem, mas da necessidade e, algumas vezes, do desespero.

As pessoas realmente corajosas são meus familiares, incluindo minhas filhas e principalmente minha mulher. Ela tem sido incrível este ano, me levando e me trazendo da BC Cancer Agency quase todo dia. Minha mulher trabalha, mantém a casa funcionando,

as crianças limpas, com roupas para vestir, alimentadas e amadas, enquanto eu oscilo entre a vítima mal-humorada da químico e da radioterapia, o paciente emaciado do hospital, ou o cara abalado mas em recuperação (com a quimioterapia o aguardando de novo em breve). Ela me dá apoio quando estou gemendo na cama, ou preso por uma hora no banheiro, ou quando não consigo ter ânimo nem para lhe dar um abraço, ou ainda quando uso toda a água quente para tentar aliviar o incômodo na minha barriga. E ela ainda me ama, mesmo quando meu tratamento me transformou em um ciborgue semimecânico.

Você fala de coragem? *Ela* tem coragem e eu a amo.

## Morto-vivo?

26 E 27 DE JUNHO DE 2007

Apesar dos tratamentos de rádio e quimioterapia, o câncer no meu reto cresceu. As manchas nos pulmões não eram uma impressão, mas vários pequenos tumores, o que mostra que o câncer está com metástase. A partir de agora, tenho oficialmente câncer colorretal metastático no Estágio IV.

Os cirurgiões vão fazer uma colostomia assim que for possível, e continuarei com quimioterapia na sequência para as metástases no pulmão. Colostomias não são nem de perto tão desagradáveis quanto você poderia imaginar. Muitas pessoas fazem e conseguem nadar, praticar esportes, enfim, vivem suas vidas. E, para ser franco, não ando muito apegado ao meu reto nesse momento.

Foi um dia difícil. Chorei, ri, tomei um drinque acompanhado de nachos com meu amigo Simon, e abracei minha mulher, minhas filhas e meus pais. E vou lutar. Há uma linha tênue entre ter consciência e aceitar o que pode acontecer e negar isso. O futuro, mesmo o mais próximo, é um mistério e devo percorrê-lo.

Há uma estranha clareza em não saber ao certo quanto tempo vou viver. É assim para todo mundo, imagino. Só estou mais consciente da situação do que a maioria. Na vida de todos há riscos. De ter um acidente de automóvel, uma bactéria violenta, uma queda na banheira, ser mandado para o Afeganistão a serviço do Exército, sofrer um acidente numa escalada, além de terremotos, tsunamis, ou ser eletrocutado, ou ainda de engasgar com um osso de galinha. Há também o risco de se ter um câncer agressivo.

## A cura e a doença

14 DE AGOSTO DE 2008

Percebi algum tempo atrás que já faz bem mais de um ano desde que senti algum sintoma diretamente relacionado ao câncer. Os médicos, as enfermeiras e eu estamos lutando contra uma doença fatal que não sinto, com métodos que sinto até demais. Portanto, hoje estou deitado na cama, exausto e enjoado, mas por causa dos remédios, não do câncer.

## Lutar ou viver

23 E 25 DE OUTUBRO DE 2008

Até setembro, os tratamentos convencionais – cirurgia, químico e

radioterapia – se mostravam como promessas razoáveis de colocar meu câncer em remissão, ou encolhê-lo, ou até (antes de sabermos da metástase nos pulmões) curá-lo. Portanto, valia a pena tentar tudo, que se danassem os efeitos colaterais e a vida em suspenso.

Mas, alguns dias atrás, Ajr fez com que eu me perguntasse como quero viver com câncer. Porque é isso que parece que terei de fazer. Não sabemos por quanto tempo: meses provavelmente, anos talvez. Tudo indica que, assim como o diabetes, terei câncer pelo resto da vida. Provavelmente será o que me matará, só não se sabe quando.

Agora é hora de tomar algumas decisões importantes. Quero mesmo fazer parte da Fase I de um novo tratamento experimental? Quero contribuir de forma semialtruísta para a pesquisa do câncer e passar meus dias fazendo testes na Cancer Agency, tomando comprimidos o dia todo, talvez desenvolvendo alguns efeitos colaterais bizarros, possivelmente para nada? Ou quero tentar administrar meu câncer em vez de lutar contra ele? Por mais estranho que pareça, não devo fazer do câncer uma *parte* da minha vida, em vez de alguma coisa que me *impede* de vivê-la?

Ainda há lugares aonde quero ir, coisas que quero fazer, ainda quero ser marido e pai. Talvez agora seja a hora de ir a esses lugares, fazer essas coisas, ser esse pai e esse marido. Não devo desperdiçar minha vida tentando vencer uma luta que provavelmente não pode ser vencida.



No sentido horário, a partir da esquerda, no alto: Airdrie, Derek, Marina e Lauren, durante uma viagem em família à Califórnia, em julho de 2010.

Essa é uma nova fase no modo como entendo a doença e como minha família e eu convivemos com ela. E me sinto bem, porque estou colocando a prioridade no viver.

## Histórias

28 DE JULHO DE 2009

Nem sempre as histórias têm uma estrutura óbvia. Não seguem necessariamente em direções previsíveis, ou têm uma moral, ou um significado. Aqui vai uma: dois anos atrás, eu pesava 66 kg, cerca de 30 kg a menos do que peso hoje. Parecia que eu havia passado um tempo em um campo de concentração, estava pálido e esquelético. Acabara de sair do Hospital de

lutando contra ele, e me sinto bem. Fim, por enquanto.

## Um cara velho, veja minha vida

30 DE AGOSTO DE 2009

Percebi que sou um homem de 40 anos, cujo corpo se tornou muito mais velho. Sou um cara jovem em uma embalagem velhusca. Tendo em vista a maior parte da história humana, viver até os 40 é uma conquista. Ter diabetes tipo 1, como eu tenho, já foi uma sentença de morte. Estou tentando não ser fatalista, mas prático. Sei que, mesmo continuando a lutar contra a doença, a não ser que apareçam tratamentos novos e radicais, ou que tenha muita, muita sorte, essa é



provavelmente uma batalha perdida. Mas não é um fracasso.

## Ah, m...

**27 DE NOVEMBRO DE 2009**

Descobri que tenho vários novos tumores no tórax, cada um com cerca de dois ou três centímetros, próximo ao lugar onde ficam meus pulmões. Esses tumores não apareceram na tomografia computadorizada que fiz em setembro, o que significa que estão crescendo rapidamente.

Isso é sério. Tumores metastáticos, de crescimento rápido, perto dos pulmões, do coração, da traqueia e do esôfago são perigosos e potencialmente fatais. Além de atacá-los com quimioterapia, talvez haja algum tratamento experimental que utilize drogas com inibidores MEK disponíveis para mim, mas isso não é certo.

É comum que o câncer siga esse caminho. Os tratamentos funcionam, às vezes bem, outras nem tanto – e de vez em quando simplesmente não funcionam. É sempre uma luta, e essa devo perder.

Todos estão tristes. Minha cabeça está explodindo com pensamentos de todo tipo. É hora de caminhar de novo na direção de um futuro incerto.

## A ala quimioterápica

**8 DE JANEIRO DE 2010**

A quimioterapia é uma coisa bem estranha mesmo. Parece que meu corpo está preso à minha pele por um tipo de lodo. Tenho a sensação de conseguir ver as drogas fluindo pela minha corrente sanguínea. Recomendo evitar o

câncer, assim você não terá de passar por uma quimioterapia.

Os estereótipos de náusea, perda de peso e queda de cabelo são verdadeiros. E há outros efeitos colaterais muito mais estranhos. Aquela acne brutal que tive alguns verões atrás. Estranhas linhas negras aparecendo nas minhas unhas. Fotossensibilidade. Vários incômodos intestinais bizarros e desagradáveis que às vezes me deixam no banheiro por três ou quatro horas direto. E por aí vai.

## Mais um aniversário

**26 DE JANEIRO DE 2010**

Nossa filha, L., fez 10 anos hoje. Ganhou uma festa no fim de semana, mas infelizmente eu estava tão dopado pela quimioterapia e os remédios contra enjoos que dormi durante a festa. Por sorte, minha mulher tirou ótimas fotos.

Feliz aniversário, L. Fico feliz por ter conseguido ver você chegar aos dois dígitos.

## O fim do jogo

**27 DE NOVEMBRO DE 2010**

Os médicos relutam em dar expectativas de vida. E por uma boa razão – eles geralmente se enganam. Mas arranquei do oncologista, Dr. Kennecke:

– Você espera que eu possa vir me consultar daqui a dois anos?

– Honestamente, não – respondeu.

Como sei disso? A quimioterapia não está mais funcionando e, depois de quase quatro anos de diferentes tratamentos, as novas possibilidades se esgotaram. Ainda estão crescendo tumores nos meus pulmões, tórax e

abdômen, portanto, essa semana os médicos e eu decidimos que vou parar de tomar remédios. *Tenho cerca de um ano de vida, mais ou menos.*

O rumo que a situação está tomando é óbvio – para mim, para Air, para nossas filhas. Descobri que tinha câncer no início de 2007. Desde 2008, pelo menos, está claro que nenhum tratamento irá destruir ou curar a doença. Nunca estive em remissão, e cada tomografia e exame de sangue mostram que o número e o tamanho dos tumores metastáticos no meu corpo continuam a aumentar, lenta e determinadamente. É importante dizer que estou pronto para aceitar que *preciso me preparar para morrer*. Não estou desistindo, e sim encarando a realidade.

Conforme a expectativa de vida aumentou, a sociedade ficou péssima em encarar a morte. Regularmente recebo e-mails de estranhos que parecem desesperados para me contar sobre um novo tratamento milagroso que preciso experimentar. Essas pessoas têm boas intenções, mas também sinto que se recusam a acreditar que um homem razoavelmente saudável, de 41 anos, possa ter câncer e morrer sem que haja absolutamente nenhuma forma de impedir isso. Minha situação

parece ofender o modo como algumas pessoas entendem o mundo.

É como o fim do jogo no xadrez, quando as táticas e estratégias mudam porque há poucas peças, e os jogadores sabem que a partida está quase terminada.

Como eu havia previsto, nossa cadela, Lucy, vai sobreviver a mim. Esse deve ser meu último Natal, ou talvez eu consiga ver mais um. Posso ou não chegar ao meu aniversário de 42 anos, em junho. Provavelmente comprei meu último carro e meu último par de óculos escuros, mas ainda falta um pouco para abrir minha última caixa de leite ou para tomar minha última xícara de café.

### É tempo de inverno

30 DE NOVEMBRO DE 2010

Minha mulher, Air, escreveu uma coisa incrível no Facebook alguns dias atrás: *Tudo vai ficar bem. Sem mais sessões difíceis de quimioterapia. Pense em uma árvore no outono – linda e cheia. Então suas folhas começam a cair. É inútil tentar colocar as folhas de volta para recuperar a beleza da árvore. Ficar de pé, no frio, segurando-as contra a árvore é exaustivo. É tempo de inverno. Aproveite cada estação.*

**A sociedade** ficou péssima em encarar a morte. Recebo e-mails de estranhos que parecem desesperados para contar sobre um novo tratamento miraculoso.

Escrevi 35 parágrafos sobre meu diagnóstico em meus posts mais recentes. Ela fez muito melhor do que eu num único post.

### Não precisa mentir para mim

7 DE JANEIRO DE 2011

Não me tornei um especialista em câncer como doença, mas me tornei um especialista em ter câncer. E ter câncer é estranho, porque é meu próprio corpo se traindo. As células cancerosas não são invasoras, são minhas. Não param de se dividir e multiplicar e não fazem nada mais. Até agora, a equipe de médicos e eu temos impedido que elas devastem o restante das células do meu corpo, mas, por fim, como um carro enferujando, as coisas vão começar a se deteriorar e então vou morrer. Estou bem menos furioso quanto a isso do que costumava ficar, porque sentir raiva durante quatro anos teria sido terrivelmente corrosivo.

É possível que eu viva mais um ou dois anos, mas é improvável. Também poderia me tornar uma famosa estrela do rock, ou ganhar na loteria, mas não devo esperar isso, ou viver como se fosse acontecer.

### Um pouco menos a cada dia

24 DE FEVEREIRO DE 2011

Você não se dá conta até ser tarde demais: nunca mais fará certas coisas de novo. Há seis meses, estava dirigindo pelas montanhas em Whistle, indo para Seattle e tirando fotos no casamento do meu primo. Não poderia fazer nenhuma dessas coisas agora.

Às vezes também pode ser óbvio no momento em que acontece: ficou claro quando fomos à Disneylândia recentemente que era improvável que eu fosse voltar a ver a Califórnia.

Mas nunca me canso de escrever.

### Na estrada de terra

14 DE ABRIL DE 2011

Estou no estágio do câncer em que acaba o asfalto e o carro roda pela estrada de terra. O fim da estrada está em algum lugar à frente, não muito longe, mas não voltarei a dirigir com rapidez e tranquilidade. Isso aconteceu mais rápido do que esperava, mas é o que, em geral, acontece na vida.

Minha mulher e eu estamos fazendo planos concretos sobre como deverão ser os próximos meses e semanas. Já assinei a Ordem Oficial de Não Ressuscitar, portanto todos sabem que não tenho mais muito tempo de vida e não quero receber qualquer tratamento heroico que me mantenha vivo a qualquer custo. Não há por que me manter em um respiradouro, em uma unidade de tratamento intensivo, quando o espaço poderia ser aproveitado por alguém que tenha chance de se recuperar completamente e ter uma vida longa.

Estou surpreendentemente satisfeito, até mesmo alegre, por Air e eu termos sido capazes de tomar decisões sobre como minha vida irá terminar.

Daqui a poucas semanas ou poucos meses nessa estrada de terra, meu corpo simplesmente desligará e eu morrerei. Isso me parece uma forma decente de ir embora.

## Às vezes

21 DE ABRIL DE 2011

Regra nº 1 de Derek: Sempre há mais cocô.

Regra nº 2 de Derek: Sempre há mais uma ligação telefônica.

Regra nº 3 de Derek: Mesmo quando “ninguém vem fazer visita hoje”, alguém sempre aparece, talvez sete ou oito pessoas.

Por sorte, minha mulher, Air, só precisa lidar com as duas últimas regras. E aqui elas terminam.

Algumas pessoas deixam uma cesta carinhosa com três refrigerantes, uma bolsa de ginástica de náilon e roupas para minhas filhas usarem na escola no dia seguinte. Às vezes, abro uma lata de refrigerante gelado apenas para sentir o gosto daquele primeiro gole às três da manhã. Às vezes levo séculos para ler todas as mensagens no Facebook e no Twitter, os comentários no blog e os e-mails. Às vezes fico frustrado com listas de e-mail que ainda não me descadastraram.

Às vezes Air e eu sabemos que estamos nos distraíndo com todas essas outras coisas porque estou morrendo, e agora isso é óbvio. Então nos sentamos na cama do hospital, que é bastante confortável, e choramos.

## O último post

4 DE MAIO DE 2011

Aqui está. Estou morto e esse é meu último post. Pedi à minha família e aos amigos que publicassem esta mensagem assim que meu corpo finalmente parasse de funcionar e eu estivesse livre dos castigos do câncer. Nasci em 30 de junho de 1969, em Vancouver, e morri em Burnaby, no Canadá, em 3 de maio de 2011, aos 41 anos de idade, de complicações de um câncer colorretal metastático Estágio IV.

Todos sabíamos o que estava prestes a acontecer. E isso inclui a família, os amigos, meus pais, Hilkka e Juergen Karl. Minhas filhas, Lauren, 11 anos, e Marina, 13, que souberam o máximo que pudemos contar desde o diagnóstico. E minha mulher, Airdrie.

Air e eu estudamos Biologia na Universidade de British Columbia. Em um emprego de verão em 1988, trabalhando como naturalistas em um parque, virei a canoa em que Air e eu estávamos remando e tivemos de empurrá-la até a margem. Fizemos algumas aulas juntos e então perdemos contato. Poucos anos mais tarde, Airdrie viu meu nome em algum lugar, me escreveu uma carta e respondi. Dessas sementes, nasceu um jardim.

**Estou no estágio** do câncer em que acaba o asfalto e o carro roda pela estrada de terra. O fim da estrada está em algum lugar à frente, mas o caminho não será tranquilo.

Isso foi em março de 1994 e em agosto de 1995 estávamos casados. Nunca tive dúvida sobre nosso relacionamento. Mas não imaginei que nosso tempo juntos seria tão curto – 23 anos desde nosso primeiro encontro até eu morrer? Não foi o bastante. Nem de longe.

Quando criança, assim que aprendi subtração, fiz a conta para saber quantos anos eu teria no ano 2000: 31 anos, o que parecia muita idade. Quando finalmente fiz 31, estava casado e tinha duas filhas, e trabalhava na indústria da computação. Bastante adulto.

Mas ainda havia muito mais para acontecer. Eu não havia começado meu blog, não estava tocando bateria com minha banda e não começara a fazer *podcasts*. Na verdade, *podcasts* sequer existiam. Facebook e Twitter ainda demorariam anos para aparecer. Os robôs exploradores *Spirit* e *Opportunity* só seriam mandados a Marte dali a três anos. O genoma humano ainda não fora completamente mapeado. As torres do World Trade Center ainda estavam de pé.

E eu não tinha câncer. Não tinha ideia de que viria a ter, ou de que a doença me mataria.

Por que estou mencionando tudo isso? Porque posso lamentar o que jamais saberei, mas não me arrependo do que me trouxe aonde cheguei. Poderia ter morrido em 2000 e ter sido feliz com minha vida, mas teria perdido um monte de coisas.

E muitas coisas agora vão acontecer sem mim. Como será o mundo daqui a 10 anos, ou em 2060, quando

eu teria 91 anos, a idade que minha avó alcançou? Que coisas novas teremos descoberto? Como vamos nos comunicar? Como serão os meios de transporte? O que minha mulher estará fazendo? Minhas filhas terão os seus próprios filhos? Haverá partes de suas vidas que eu acharia difíceis de compreender?

Ninguém pode imaginar o que será de nossas vidas. Podemos planejar, mas não podemos esperar que nossos planos se tornem realidade. Isso não é bom ou ruim, é apenas real.

Espero que minhas filhas e minha mulher maravilhosa possam tirar uma lição da minha doença: que devem correr atrás do que gostam, para estarem prontas quando as oportunidades aparecerem e não se desapontarem quando as coisas saírem dos trilhos, como inevitavelmente acontecerá.

O mundo, na verdade o universo inteiro, é um lugar lindo, surpreendente, maravilhoso. Sempre há mais a descobrir. Não me arrependo de nada quando olho para trás, e espero que minha família possa encontrar um modo de fazer o mesmo. A verdade é que as amei. Lauren e Marina, conforme amadurecerem e se tornarem donas de suas vidas ao longo dos anos, saibam que amei vocês e que fiz o melhor para ser um bom pai.

Airdrie, você foi minha melhor amiga e a pessoa mais próxima de mim. Não sei o que teríamos sido um sem o outro, mas acho que o mundo seria um lugar mais pobre. Amei você profundamente, amei você, amei você, amei você. ■